

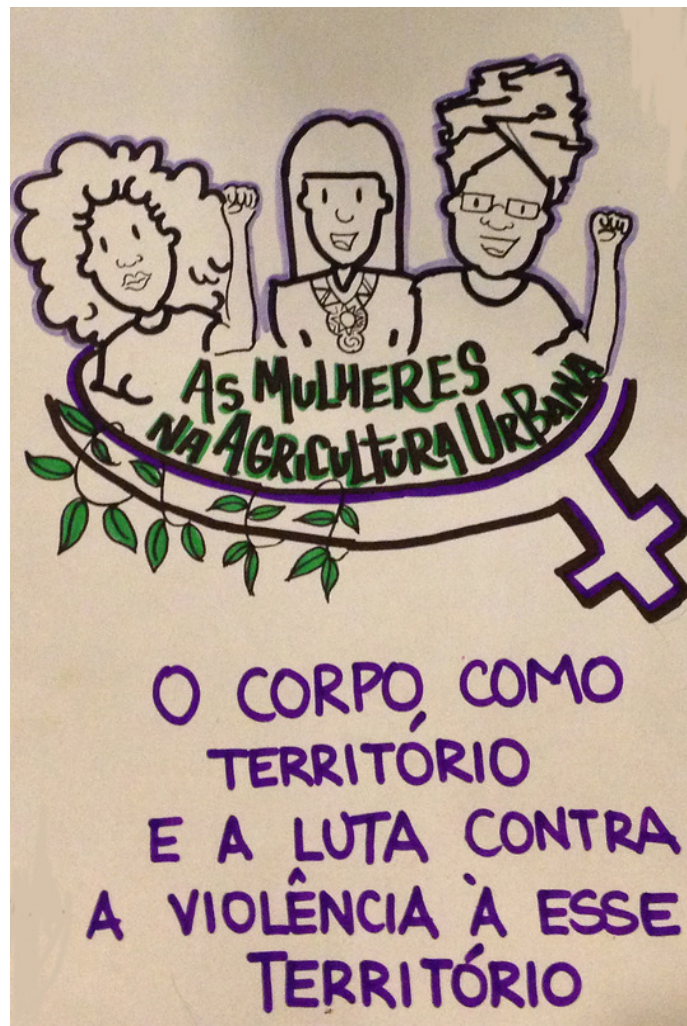
MULHERES CONSTRUINDO AGROECOLOGIA URBANA



I ENAU – ENCONTRO NACIONAL DE AGRICULTURA URBANA
UERJ – 21 A 24 DE OUTUBRO DE 2015

Entre os dias 21 a 24 de outubro, aconteceu o I Encontro Nacional de Agricultura Urbana (ENAU), na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro. Convocado pelo Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (CNAU), pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e pelo Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN), o Encontro teve como tema “Agroecologia e Direito à Cidade: Cultivando Saúde e Comida de Verdade”. Reuniu mais de 250 pessoas de 20 estados do Brasil, das cinco regiões.

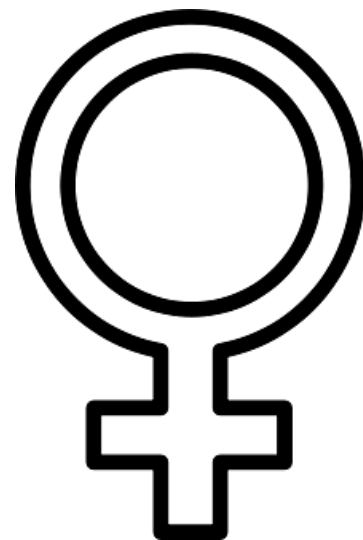
Estiveram presentes representantes de movimentos populares urbanos e rurais, movimentos em defesa da cultura alimentar, agricultoras/es familiares, camponesas/es, chacareiras/os, povos de terreiro e de matriz africana, indígenas, povos originários e outras comunidades tradicionais, ativistas urbanas/os, estudantes, pesquisadoras/es, professoras/es, gestoras/es públicas/os e parlamentares.



No I ENAU, as mulheres representaram mais de 50% das participações. Também foram maioria na composição da Comissão Organizadora do Encontro, bem como na Comissão Político Pedagógica, e tiveram notável participação nas mesas, oficinas, instalações pedagógicas, e na produção e comercialização da Feira de Saberes e Sabores.

No encontro verificou-se que a cada dia, aumenta o número de mulheres que praticam agroecologia e agricultura na cidade, fortalecendo-se como protagonistas da política. Por isso mesmo, ao longo do I ENAU aconteceram quatro encontros autorganizados pelas mulheres. Conversas que se iniciaram com a mobilização de mulheres já organizadas em agrupações feministas ou mistas que tem no feminismo uma pauta central, e que foram se expandindo até a construção da Plenária das Mulheres, reunindo em torno de 50 mulheres no último dia do Encontro, antes da reunião ampliada do Coletivo Nacional.

Este documento apresenta uma síntese dos debates ocorridos nos espaços autogestionados e espera servir como subsídio para fortalecer e ampliar a discussão do protagonismo das mulheres na agricultura urbana em luta por autonomia.



Feminismo e Agricultura Urbana



Um debate central presente nas plenárias foi o fortalecimento da perspectiva feminista dentro do movimento de Agricultura Urbana, como vem sendo feito no contexto do movimento agroecológico: fortalecer, descentralizar e crescer os coletivos de mulheres, garantir paridade e sempre pautar o debate das mulheres nos espaços do movimento. Ir além da equidade quantitativa para pensar na participação qualitativa e já existente das mulheres no debate da Agricultura Urbana. Trazer aportes das nossas experiências, visibilizar o protagonismo, mapear nossas ações, práticas e organização.

O ponto de partida nas reflexões coletivas foi a percepção de como a construção cotidiana da agricultura urbana encontra-se em grande medida nas mãos das mulheres, muito embora esse protagonismo nem sempre seja evidenciado.

Assim, a partir desse ponto, as questões que nos acompanharam ao longo dos encontros foram:

- Como as mulheres estão construindo Agricultura Urbana?
- Como as nossas práticas cotidianas de trabalho, militância, organização e cuidado estão construindo Agricultura Urbana?
 - Como nosso trabalho nas áreas da saúde, economia solidária, soberania e segurança alimentar nos quintais e nas lutas políticas constituem um processo político no âmbito da Agricultura Urbana?
 - Como as práticas de Agricultura Urbana influenciam a vida das mulheres nas cidades?

Outra importante questão que também direcionou nossas reflexões foi: Quais são nossas bandeiras de luta no I ENAU?

Destacamos: mulheres na luta por direito à cidade, fim da violência contra as mulheres, mulheres como construtoras da soberania alimentar, mulheres e saúde, mulheres e mobilidade urbana e mulheres da cidade construindo agroecologia.



Plantar nosso próprio alimento é um direito – Pela autonomia das mulheres

Quando falamos das mulheres na construção da Agroecologia Urbana estamos pensando na terra e no seu cuidado, na defesa do território soberano, na dimensão dos saberes populares, na relação do cuidado com o alimento sadio e justo e a compreensão do nosso corpo e da nossa comunidade também como territórios soberanos. Estamos falando das lutas das mulheres por direito à cidade, no trabalho das mulheres na garantia da soberania alimentar de seus familiares, comunidades e território. Estamos falando da luta das mulheres pela saúde na sua integralidade e dos desafios que enfrentam cotidianamente nessa empreitada pela garantia de direitos.

Assim, além de visibilizar os conhecimentos das mulheres, é preciso trazer à tona as opressões vividas por nós cotidianamente na cidade: a violência doméstica nas suas diversas formas, a violência sexual, a violência obstétrica, a violência simbólica, a violência nos espaços públicos que dificulta nossa livre circulação pela cidade, as violações de direitos no campo da saúde, dentre outros. E ao pensar na violência que as mulheres sofrem cotidianamente precisamos repudiar a aprovação do Projeto de Lei (PL) 5069/13 pela Comissão de Constituição e Justiça que foi votada na semana que antecedeu o Encontro. O PL dificulta o atendimento a mulheres que estiveram em situação de violência sexual, determinando o fim da distribuição de pílulas do dia seguinte e obrigando as mulheres a fazerem um Boletim de Ocorrência antes de receberem os cuidados médicos necessários.

Somos contra todos os ataques aos direitos das mulheres!

Na luta pela Agricultura Urbana e pela Agroecologia, na defesa de nossos territórios

Diversos saberes e práticas tradicionais ligadas ao plantio, à cura e à alimentação são passados através de gerações pelas mulheres. Precisamos garantir que esses espaços se mantenham vivos dentro de nós e entre nós, resgatando as benzedeadas, rezadeiras, parteiras e erveiras que são nossa herança e nossa história.

Outra questão importante debatida foi a necessidade de não naturalizarmos o trabalho do cuidado como uma responsabilidade das mulheres. Essa ideia, relacionada à imagem do instinto materno e do cuidado pode ser bonita, mas às vezes viola nosso direito de escolher os papéis que queremos assumir tanto na agricultura e na produção como em outros aspectos das nossas vidas e no mundo, reproduzindo a sobrecarga de trabalho sobre nós. Não podemos afirmar de antemão o papel das mulheres como as grandes cuidadoras de todos e tudo. Pois, muitas vezes, isso não é uma escolha e nos deixa de fora nos papéis de tomada de decisões, nas falas e na ocupação de espaços políticos.



Precisamos romper com a construção social de cunho patriarcal do que é ser mulher, e qual o seu papel.

Assim como fortalecer o direito de escolha, precisamos lutar e garantir nossa autodeterminação enquanto agricultoras, a delimitação de nossos territórios, quintais como espaço de agricultura urbana, de resistência e de luta.

Precisamos ser aquelas que decidem, ocupam e firmam nossos espaços e não ser uma determinação vinda de fora.

Precisamos também lutar por políticas que atendam às nossas especificidades enquanto mulheres em nossas diversidades étnicas.

O que está faltando para fortalecer nossas práticas de agricultura urbana e nossa autonomia enquanto mulheres?

É nossa demanda ocupar os espaços de poder dos movimentos, organizações e órgãos públicos e assumir o protagonismo nestes espaços, para que as políticas públicas não se revertam contra nós mesmas. Enfim, para pensarmos em políticas de fácil acesso para que outros sujeitos não se apropriem do discurso dos direitos das mulheres.

É fundamental pensar nos quintais como lugares de conexão entre o espaço rural e o urbano, aonde a prática da agricultura urbana se traduz na própria resistência e dos saberes das mulheres.

É no quintal que muitas mulheres produzem alimentos e saúde, tendo como prática a agroecologia no ambiente da casa e em seu entorno.



Não podemos esquecer da perspectiva do trabalho e de pensarmos a condição de precarização da vida das mulheres pobres, em sua maioria negras. A agricultura urbana deve convergir com as demandas das mulheres trabalhadoras que vivem nas periferias das cidades.

Destacamos a participação das trabalhadoras da UERJ no ato político das mulheres do ENAU como demonstração da importância da difusão do tema da agricultura urbana. Reafirmamos o compromisso de fazer esse debate para dentro e para fora dos nossos movimentos. Além disso, é preciso pensar na Economia Solidária, pouco falada no ENAU, discutir e visibilizar as formas alternativas de produção e auto-sustento das comunidades, os espaço de trocas, os meios de (re) produzir vida.

Também refletimos ao longo das plenárias sobre grupos que têm constantemente seus direitos violados, como transexuais, transgêneros, travestis. É importante, por exemplo, debater sobre a questão da prostituição. Também é importante pensar no corpo como território e olhar para a violência que sofremos direcionada a este território. O Corpo é o nosso território, precisamos pensar na violência sobre ele.

Na plenária, foi discutida também a questão da alimentação das mulheres da cidade, que, em geral, acabam por ter uma má qualidade de vida, pois, está mais vulnerável à indústria de alimentos, introduzida na alimentação da vida urbana, muitas vezes pelo estilo de vida corrido. Isto demonstra também as várias ocupações que exercem, principalmente, nos trabalhos em casa e fora dele. Sendo também muitas vezes responsabilizada pela qualidade de vida dos filhos, incluindo aí a alimentação.

A Agroecologia Urbana é uma questão de saúde e território. Precisamos trazer o tema do “Bem Viver” – que pensa o território em sua integralidade - como pauta das mulheres e da discussão da agricultura urbana. Precisamos garantir espaços públicos destinados a ser territórios de cultura alimentar e de saúde coletiva, que trabalhem sobre o tema da saúde, soberania alimentar e agroecologia.



Mulheres construindo luta e somando experiências!

"Quero agradecer este espaço das mulheres, pois quando estamos juntas é muito bom, me fortaleço muito para seguir na luta!"

(Saney Souza, Rede Carioca de Agricultura Urbana e Comitê de Mulheres da Zona Oeste/RJ)

Encaminhamentos das Plenárias das Mulheres:

- Moção de Repúdio ao Projeto de Lei 5069/2013 que modifica a Lei de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual e ao Projeto de Lei 6583/2013 que dispõe sobre o Estatuto da Família.
- Moção de Repúdio pelo Fim dos Ministérios das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.



Estiveram presentes: Fórum Brasileiro de Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional, Instituto PACS, AS-PTA NEA-BC, Cozinha Colher de Pau e Feira Agroecológica da Freguesia, Cras Cecilia Meireles, Rede Carioca de Agricultura Urbana, Comitê Popular de Mulheres da Zona Oeste, AUÊ/AMAU, REDE, Frutos da União, UFF/Pachamama, Slow Food- Zona Norte, MAE-UFF, REDE, Instituto Permacultura Bahia, CONSEA/BA, UFSC-SC, Casa da Mulher do Nordeste/PE, Verdejar Socioambiental, Ocupa Passarinho (PE), NEAPPAG/UFPE, AACC/RN, Universidade da Califórnia/Berkeley-EUA, Movimento Mulheres Marias Belém/PA, Coletivo de Mulheres Bosque dos Caboclos e Redessan

Texto: Mulheres participantes do I Enau/ Diagramação: Iara Moura /Fotos: Comunicação Pacs
e Coletivo Nacional de Agricultura Urbana

realização



ARTICULAÇÃO
NACIONAL DE
AGROECOLOGIA



Apoio

